

COSMOVISÃO MISSIONÁRIA

TEXTO ÁUREO = “E desta maneira me esforcei por anunciar o evangelho, não onde Cristo houvera sido nomeado, para não edificar sobre fundamento alheio.”

VERDADE PRÁTICA = Os crentes que foram alcançados pela graça e vivem pela fé, em Jesus Cristo, precisam ter uma visão missionária amorosa e abrangente.

LEITURA BÍBLICA = Romanos 15.20-29

INTRODUÇÃO

A essência da Epístola está agora concluída, e restam apenas as seções finais de explicação, saudação e encorajamento pessoal.

Godet mostra como a conclusão se correlaciona com o prefácio de Paulo (1.1-5).¹ Primeiro, o apóstolo se desculpa pela ousadia com a qual escreveu aos cristãos romanos, lembrando-os de sua missão aos gentios (15.14-21). Isto corresponde a 1.14-15, onde ele se declara um “devedor” a todos os gentios, inclusive aos romanos. Ele então explica o que o tem mantido no Oriente (15.22-33). Isto completa o que ele disse em 1.11-13 sobre a impossibilidade de se por a caminho de Roma mais cedo. As saudações pessoais de 16.1-23 correspondem ao pronunciamento em 1.7: “A todos os que estais em Roma, amados de Deus”. Finalmente, a doxologia (16.25-27) nos traz de volta para a afirmação de abertura da carta, aquela do cumprimento do plano divino pelo evangelho que havia sido “antes... prometido pelos seus profetas nas Santas Escrituras” (1.1-2).

Justificativa de Paulo Para as Suas Admoestações

Como em 1.8, Paulo começa com uma referência ao bom relatório da igreja romana. Ele gentilmente se justifica pelo calor do sentimento com o qual escreveu, especial mente na seção anterior. A sua declaração de abertura é sensível. **Eu próprio, meus irmãos, certo estou, a respeito de vós, que vós mesmos estais cheios de bondade, cheios de todo o conhecimento, podendo admoestar-vos uns aos outros**

(14). “Embora eu tenha às vezes falado de maneira muito forte, isto não significa que eu não esteja ciente do zelo espiritual da vossa igreja”.Ele reconhece tanto a **bondade** de coração como a plenitude do **conhecimento** cristão deles.

O apóstolo continua: **Mas, irmãos, em parte** (*apo merous*, “sobre alguns pontos”, NASB, RSV), **vos escrevi mais ousadamente, como para vos trazer outra vez isto à memória** (15). A NEB traduz este texto do seguinte modo: “Tenho-vos escrito para refrescar a vossa memória, e às vezes um pouco ousadamente” (tendo em vista o fato de que a igreja romana não havia sido fundada por ele).³“Paulo tinha escrito apenas *sobre alguns pontos* - como que dizendo: ‘Sei que há muito que vós poderíeis me ensinar acerca da vida cristã’ [cf. 1.11-12] - isto indica a graça especial que lhe foi dada como o Apóstolo dos Gentios, e que tanto exige dele como o qualifica a escrever” (cf. 1.5; 12.3).

Ele agora chama o seu trabalho de ministrar o evangelho de serviço sacerdotal, no qual ele é o mediador do amor de Deus em Cristo aos gentios, e aquele por meio de quem os gentios se oferecem como um sacrifício a Deus (cf. 12.1). Ele fala de si mesmo como um **ministro de Jesus Cristo entre os gentios, ministrando o evangelho de Deus, para que seja agradável a oferta dos gentios, santificada pelo Espírito Santo** (16).

Três palavras gregas são empregadas como termos sacrificiais. Na LXX, a palavra **ministro** (*leitourgon*) é usada definitiva e tecnicamente em relação a um sacerdote; na Epístola aos Hebreus, Cristo é descrito como “ministro [*leitourgos*] do santuário e do verdadeiro tabernáculo” (Hb 8.2). **Ministrando** (*hierourgounta*) tem o sentido de “ser o sacerdote sacrificial” do **evangelho de Deus**. Paulo é um sacerdote, sua proclamação do evangelho, um serviço sacerdotal; seus convertidos gentios são **a oferta** (*he prosphora*) que ele apresenta a Deus.

Observamos anteriormente que o sacerdote do AT oferecia dois tipos gerais de sacrifício: 1) aqueles oferecidos para efetuar a reconciliação dos pecadores com Deus (a oferta pelo pecado e a oferta pela transgressão) e 2) aqueles oferecidos após a reconciliação para celebrar a expiação (a oferta queimada e a oferta

pacífica). Como um sacerdote sob a nova aliança de Deus, Paulo ministrou o evangelho como 1) o mediador do amor redentor de Deus em Cristo, pelo qual Deus reconcilia os homens pecadores consigo mesmo (3.21-26; cf. 2 Co 5.18-21), e 2) como um chamado para os homens redimidos se apresentarem a Deus “em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o... culto racional deles” (12.1; cf. 6.13). Como Godet observa, estas correspondem às duas principais divisões de Romanos.

Santificada pelo Espírito Santo é uma frase-chave. “Houve alguns, sem dúvida, que sustentaram que os convertidos de Paulo eram ‘impuros’, pelo fato de não serem circuncidados. Para estes críticos, a resposta de Paulo foi que seus convertidos eram ‘limpos’, porque foram santificados pelo Espírito Santo que veio para habitar neles...

Semelhantemente, no Concílio de Jerusalém, Pedro lembra aos seus companheiros crentes judeus como - quando os gentios ouviram o evangelho - Deus lhes deu o Espírito Santo ‘assim como também a nós; e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando o seu coração pela fé (Atos 15.8ss.).

A percepção desta grande verdade dá a Paulo um orgulho e confiança adequados em seu ministério. **De sorte que tenho glória em Jesus Cristo nas coisas que pertencem a Deus** (17). As palavras **em Jesus Cristo** amenizam a exaltação de Paulo (cf. Gl 6.14). Sua **glória** não estava nele mesmo, mas em Cristo. A frase: **Porque não ousaria dizer coisa alguma, que Cristo por mim não tenha feito** (18), pode ser traduzida da seguinte forma:

“Porque eu não me aventuraria a falar de coisa alguma, exceto do que Cristo fez por mim” (RSV). E o que era isto? **Para obediência dos gentios, por palavra e por obras; pelo poder dos sinais e prodígios, na virtude do Espírito de Deus (18-19).8**

O ministério apostólico de Paulo é aqui atestado por milagres operados pelo poder do Espírito Santo. As palavras **sinais e prodígios** (*semeia kai terata*) são empregadas ao longo de todo o

NT para expressar o que chamamos de milagres. *Teras* implica algo maravilhoso ou extraordinário em si; *semeion* representa o mesmo evento, mas visto como um sinal ou prova da mediação pela qual ele é realizado, ou o propósito que ele pretende cumprir. No Evangelho de João, os milagres de Jesus são vistos como sinais (*semeia*) da glória celestial.

Freqüentemente uma terceira palavra, *dynameis*, é acrescentada, para indicar que estas obras são a manifestação de um poder mais do que natural. Aqui Paulo varia a expressão dizendo que os feitos realizados em seu ministério foram efetuados “pelo poder dos sinais e prodígios” (*en dynamei semeion kai teraton*). Este **poder** é posteriormente qualificado como **a virtude do Espírito** (*en dynamei pneumatos*).

“Não pode haver dúvida”, dizem Sanday e Headlam, “de que nesta passagem Paulo assume que possui o poder apostólico de operar o que é comumente chamado de milagre”. A narrativa histórica de Atos apóia esta reivindicação (cf. Hb 2.3-4).

Devemos ter em mente que o propósito de Paulo em toda esta seção é defender a sua reivindicação de uma comissão divina como apóstolo para os gentios. Que sua missão foi poderosa e efetiva é um fato que ninguém pode negar, e ele oferece o seu registro à igreja romana como parte de suas credenciais. Ele considerou as províncias orientais do Império Romano como seu território, excluindo os lugares onde outros missionários cristãos trabalharam. Seu trabalho neste território está agora terminado, visto que **desde Jerusalém e arredores até ao Ilírico** ele havia **pregado** exaustivamente **o evangelho** (*peplerokenai to euangelion*, “completou a pregação do evangelho”, NEB) **de Jesus Cristo**. O trabalho de Paulo no Oriente estava completo.

A menção de **Jerusalém** como o ponto de partida de seu ministério pode ser explicada pelo fato de ele considerar a igreja-mãe como a base de todo o movimento cristão (cf. Lc **24.47**; At **1.4,8**; **8.14**; **9.22**; **15.2**). **Ilírico** representa o ponto mais ocidental do seu ministério. Não há menção desta província (que delimita o litoral oriental do Mar Adriático) em Atos ou em qualquer uma das cartas de Paulo até este momento. Há motivo para acreditar, porém, que

ele tenha evangelizado o Ilírico durante a sua prolongada estada em Efeso, em sua última viagem.

Há indicação de que ele cruzou a Macedônia no verão ou no outono de 55 d.C. (cf. 2 Co 2.12-13) e passou os 15 ou 18 meses seguintes na Macedônia e Acaia. Isto deve ter ocorrido durante o período em que ele viajou ao longo da Via Egnatia em direção ao Ocidente até a fronteira do Ilírico, provavelmente atravessando o Ilírico e pregando o evangelho ali. Parece não haver nenhum outro ponto onde uma viagem ao Ilírico possa ser inserida em seu itinerário.

Dentro da área, porém, entre **Jerusalém** e o **Ilírico**, havia lugares onde ele não tinha pregado. Ele acreditava que a sua comissão era pregar o evangelho onde Cristo não era conhecido, a fim de não competir com outros missionários. **E, ele continua, portanto, desta maneira me esforcei por anunciar o evangelho, não onde Cristo houvera sido nomeado, para não edificar sobre fundamento alheio (20).** Paulo descreve o seu trabalho em outra passagem como colocando o “fundamento”, ou “colocando a pedra fundamental” (1 Co 3.10).

Ele então descreve no versículo 21 o objetivo de sua missão nas palavras de uma citação do AT: Antes, como está escrito: Aqueles a quem não foi anunciado o verão, e os que não ouviram o entenderão (Is 52.15, LXX). Paulo corretamente toma estas palavras para aplicá-las à extensão do conhecimento do Servo Sofredor, a lugares onde o seu Nome não foi mencionado. Isaías está falando da surpresa das nações e seus reis quando vissem a exaltação do Servo Sofredor que eles anteriormente haviam desprezado.

Os Planos de Paulo, 15.22-33

Visto que Paulo concluiu o seu ministério no Oriente, ele está agora pronto para ir a Roma. O leitor percebe que ele está ciente de que a igreja romana pode sentir que a sua visita está muito atrasada, e é por esta razão que ele toma as suas dores para mostrar-lhes por que não foi antes. **Pelo que** (*dio kai*, “Por essa razão”, NASB, NTLH) **também mui tas vezes tenho sido impedido de ir ter convosco**

(22; cf. 1.13). A razão pela qual até aquele momento Paulo vinha sendo impedido de ir a Roma, não era tanto pelo temor de que ele poderia edificar sobre o fundamento de outro homem, mas pela necessidade de “completar a pregação do evangelho” (v. 19) em seu território anteriormente designado.

Mas, agora, que não tenho mais demora nestes sítios, e tendo já há muitos anos grande desejo de ir ter convosco (cf. 1.9-11), **quando partir para a Espanha, irei ter convosco** (23-24). A. T. Robertson comenta a franqueza surpreendente de Paulo. “Paulo está agora livre para ir a Roma, porque não há nenhuma necessidade a ser suprida pelo apóstolo no local onde ele está”. Mas a sua viagem será simplesmente uma escala em sua viagem para a **Espanha**.

Não havia necessidade de permanecer muito tempo em Roma, visto que a igreja ali era forte e próspera; era a Espanha que o estava chamando. A Espanha era uma província romana com muitos judeus, e Paulo não ficaria satisfeito até que proclamasse a Cristo na margem ocidental do império. Para usar as palavras de Wesley: a sua igreja era o mundo todo.

Pois espero que, de passagem, ele continua, vos verei e que para lá seja encaminhado (*propemphthenai ekei*, “ajudado em meu caminho para lá”, NASB) **por vós, depois de ter gozado um pouco da vossa companhia**.

Ele agora menciona uma outra razão que causará algum atraso em sua visita a Roma, e em sua viagem missionária à Espanha. **Mas, agora, vou a Jerusalém para ministrar aos santos** (25). A frase **ministrar aos santos** (*diakonon tois hagiois*) é quase uma expressão técnica usada por Paulo para as contribuições feitas pelos cristãos gentios à igreja em Jerusalém.¹² Os membros da igreja em Jerusalém são os **santos por excelência** (cf. 1 Co 16.1; 2 Co 9.12). Mas os convertidos de Paulo e outros cristãos gentios se tornaram “concidadãos dos santos” (Ef 2.19), o povo santo de Deus. (Cf. 1.7, com comentários. Mais detalhes sobre a coleta são encontrados em 1 Co 16.1-4 e 2 Co 8-9. Foi uma tarefa à qual Paulo conferiu grande importância).

Porque pareceu bem à Macedônia e à Acaia¹³(veja o mapa 1) fazerem **uma coleta para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém** (26). O verbo **pareceu bem** (*eudokesan*) implica que a contribuição deles foi voluntária, e feita com sinceridade e boa vontade (cf. 10.1; 1 Co 1.21; G11.15). Desde o princípio parece haver um grupo bastante grande de santos pobres na igreja de Jerusalém (cf. Atos 2.44-45, 4.34-35; 6.1-3; 11.27-30). Parece que os cristãos de Jerusalém se referiam a si mesmos como “os pobres” (cf. G12.10), e em anos posteriores os cristãos judeus foram conhecidos como ebionitas (da forma heb. *ebyonim*, “pobre”).

Paulo enfatiza a boa vontade com a qual a contribuição foi feita, repetindo o verbo **pareceu bem** (*eudokesan*), mas ele continua a salientar que em outro sentido eles estavam apenas pagando uma dívida justa. **Isto lhes pareceu bem, como devedores que são para com eles. Porque, se os gentios foram participantes dos seus bens espirituais, devem também ministrar-lhes os temporais** (27). **Espirituais** (*pneumatikos*) e **temporais** [*sarkikois*] são termos paulinos característicos (cf. 1 Co 9.11; 2 Co 10.4). ANASB traduz este texto da seguinte forma: “Porque se os gentios compartilharam as suas coisas espirituais, eles estão em dívida, e também devem lhes ministrar as coisas materiais”. O verbo **ministrar** (*leitourgesai*) possivelmente sugere que Paulo pensava nesta oferta como uma extensão maior de seu serviço sacerdotal (cf. v. 16).

Em 2 Coríntios 9.12 ele chama a coleta de um “serviço” (*leitourgia*), de onde derivamos a palavra “liturgia”.

Ele agora retoma o seu argumento e declara outra vez os seus planos de visitar Roma. **Assim que, concluído isto, e havendo-lhes consignado** (*sphragisamenos*) **este fruto, de lá, passando por vós, irei à Espanha** (28). Em vez de **consignado este fruto**, na NEB lê-se: “e entregar os produtos sob o meu próprio selo”.

Paulo sugere que levando a contribuição para Jerusalém e apresentando-a à igreja ali, ele coloca o seu “selo” sobre ela (como um administrador colocaria o seu selo nos frutos colhidos sob a sua direção). Ele iria assim mostrar que a contribuição era o fruto de seu ministério entre os gentios. Bruce, no entanto, pensa que talvez “não seja no próprio selo de Paulo que deva nos pensar, mas no selo do

Espírito; aqui está a confirmação conclusiva de sua obra entre os gentios”.

Paulo agora dá o seu testemunho pessoal. **E bem sei que, indo ter convosco, chegarei com a plenitude da** (*pleromata*) **bênção do evangelho de Cristo** (29). As palavras **do evangelho** (*euangeliou tou*) estão ausentes em todos os melhores manuscritos. Paulo está indo para Roma **com a plenitude da bênção... de Cristo**. Ele estava consciente da plenitude do Espírito (cf. Ef 5.18); e, portanto, poderia outorgar sobre os romanos um *charisma* espiritual (cf. 1.11, com comentários).

A referência à sua visita a Jerusalém faz o apóstolo lembrar dos perigos e ansiedades que esta viagem implica. Isto o leva a concluir a seção com uma súplica fervorosa aos cristãos romanos para que se unam em oração a seu favor. **E rogo-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que combatais comigo nas vossas orações por mim a Deus, para que seja livre dos rebeldes que estão na Judéia, e que esta minha administração, que em Jerusalém faço, seja bem aceita pelos santos; a fim de que, pela vontade de Deus, chegue a vós com alegria e possa recrear-me convosco** (30-32). O seu apelo é baseado na devoção comum ao **Senhor Jesus Cristo** e ao **amor do Espírito** que os romanos compartilham com Paulo. O termo que ele emprega, **combatais comigo**, descreve a oração que é necessária. É “uma intensa energia de oração, em luta”, uma indicação do risco que Paulo pensa estar correndo quando vai a Jerusalém.

Paulo não só estava preocupado acerca do tratamento que receberia dos judeus descrentes, mas também tinha receio de como esta oferta seria aceita pela igreja em Jerusalém. De fato, a igreja aparentemente recebeu a sua contribuição com gratidão (At 21.17-20). No entanto, os seus temores quanto ao que os judeus descrentes fariam se mostraram bem fundamentados. Por ordem de Tiago, Paulo foi ao Templo e executou certos ritos judaicos tradicionais em um esforço para desarmar o preconceito de seus companheiros judeus.

A sua presença, porém, provocou um tumulto. Ele quase foi linchado, mas foi salvo pela guarda romana (At 21.20-34). Por fim, ele foi enviado a Roma como um prisioneiro.

“O curso da história, no entanto, conferiu um tom profundo de ironia trágica a esta seção da carta. O homem que escreve a Roma, cheio de planos de grande projeção, que está planejando visitar a capital em seu trajeto a campos mais distantes em seus empreendimentos, foi levado a Roma, desgastado pelos anos de prisão, acorrentado, com sua esperança frustrada, e sua carreira ativa chegando ao fim”.¹⁶ Portanto, no mistério da providência o apóstolo foi, **pela vontade de Deus**, a Roma. Esta seção termina com uma breve, mas característica, bênção paulina: **E o Deus de paz seja com todos vós. Amém! (33).**

Evangelista Isaias Silva de Jesus

Igreja Evangélica Assembléia de Deus Ministério Belém Em
Dourados - MS

Comentário Bíblico Volume 08 - Romanos e 1 e 2 Coríntios